



**OS ALTOS ONDE OS VENTOS SE ENFURECEM: REFLEXÕES SOBRE A
NARRATIVA E A PAISAGEM EM *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES***

Bianca Costi Farias

Graduanda em História na UFSC

Resumo

O presente artigo propõe-se a revisitar a obra *O morro dos ventos uivantes*, da escritora Emily Brontë, a partir de um olhar atento aos aspectos românticos e góticos nela presentes, bem como ao seu estilo de escrita, marcado por um profundo sentimentalismo. O relacionamento entre os protagonistas do romance será analisado a partir da observação do sentimentalismo sombrio e melancólico por trás da relação, e que caracteriza profundamente a escrita de Brontë. Deste modo, o artigo possui como suporte as análises estilísticas de sua obra, realizadas por estudiosos como Leicester Bradner, Georges Battaille, Alessandro Yuri Alegrette, David Sonstroem e Irvin Buchen. Atenta-se também aos aspectos biográficos da autora, analisados por Daíse Lílian Fonseca Dias, bem como seu trânsito entre estilos literários da época, principalmente o gótico e o romântico, a partir do estudo de Emily Renardozier e a influência byroniana em sua obra, analisada por Helen Brown. Busca-se, assim, explorar a dinâmica psicológica presente na trama, que caracteriza seus personagens pela quebra de padrões - ao entregarem-se aos sentimentos de loucura e raiva - e se reflete nas cenas de relacionamento e conflito entre eles. Além disso, utiliza-se a topoanálise para compreender a construção e influência da paisagem no romance e nas ações e emoções de seus personagens, e percebendo assim seu papel e importância na narrativa, tendo como suporte o teórico Oziris Borges Filho.

Palavras chave: Literatura inglesa; século XIX; Emily Brontë; *O morro dos ventos uivantes*; romance gótico.

**THE HEIGHT WHERE RAGE THE WINDS: REFLECTIONS ABOUT THE
NARRATIVE AND THE LANDSCAPE IN *WUTHERING HEIGHTS***

Abstract

This article intends to revisit the novel *Wuthering Heights*, from the writer Emily Brontë, in a perspective focused on its romantic and gothic elements, as well as on its writing style, marked by a deep sentimentalism. The relationship between the novel's main characters will be analyzed from the observation of the dark and melancholic sentimentalism behind it, which deeply characterizes Brontë's writing. Thus, the article is supported by stylistic analyzes of her work, by scholars such as Leicester Bradner, Georges Bataille, Alessandro Yuri Alegrette, David Sonstroem and Irvin Buchen. It is also paid attention to the author's biographical aspects, analysed by Daíse Lílian Fonseca Dias, as well as her transition between literary styles of her time, mainly the Gothic and the Romantic, based on the study of Emily Rena-Dozier, and the Byronian influence in her work, analyzed by Helen Brown. It seeks to explore the psychological dynamics present in the plot, which characterize their characters by the break of patterns - when they indulge in feelings of madness and anger - and are reflected in the scenes of relationship and conflict between them. In addition, the topanalysis is used to understand the construction and influence of the landscape in this novel and in its characters's emotions, and thus realizing its role and importance in the narrative, supported by the theorist Oziris Borges Filho.

Key words: English literature; 19th century; Emily Brontë; *Wuthering Heights*, gothic romance.

Introdução

Talvez a mais bela, a mais profundamente violenta das histórias de amor... Porque o destino, que aparentemente quis que Emily Brontë, ainda que fosse bela, ignorasse inteiramente o amor, quis também que ela tivesse da paixão um conhecimento angustiado: este conhecimento que não liga o amor somente à clareza, mas à violência e à morte — porque a morte aparentemente é a verdade do amor. Assim como o amor é a verdade da morte (BATAILLE, 1957, p. 12).

Complexo, trágico e envolto em simbolismos que os estudos literários ainda se esforçam em desvendar, *Wuthering Heights* - título traduzido para o português como *O morro dos ventos uivantes* – tornou-se um clássico romance da literatura oitocentista inglesa. A obra conta a história do profundo e imortal amor entre Catherine Earnshaw e Heathcliff, ao crescerem e amadurecerem juntos nas inóspitas paisagens do interior rural britânico. Ambos os personagens são profundamente marcados por seus comportamentos que transgredem a moral social, gerando um romance cuja repercussão é, até os dias atuais, oscilante entre o fascínio e a repulsa (ALEGRETTE, 2017, p. 2).

Publicado em 1847 por Emily Brontë - que, além desta obra, escreveu apenas textos poéticos, - o livro é marcado pelo sentimentalismo sombrio e enérgico de seus personagens,

que reflete na paisagem que os rodeia, em uma confluência entre esse espaço e comportamento. E é este sentimentalismo que cria uma narrativa complexa, densa e de difícil análise, resultando em estudos literários apoiados nas mais diversas óticas.

Apesar de já ter sido enquadrado em diversas correntes literárias, *O morro dos ventos uivantes* não parece encaixar-se por completo em nenhuma. Mesmo seus personagens, cenários e a própria narrativa sendo marcada por uma intensidade de sentimentos, angústias e emoções, o seu caráter sombrio, trágico e obsessivo distanciam este livro das demais obras da escola Romântica escritas no período. Dessa forma, o romance possui a peculiar característica de não parecer enquadrar-se completamente em algum estilo literário específico, oscilando principalmente entre o estilo romântico e o gótico - popular gênero literário da Inglaterra nos séculos XVIII e XIX (ALEGRETTE, 2017, p. 3). No entanto, “qualquer viés de leitura que escolhermos para abordar a obra pode parecer tanto enriquecedor quanto limitado diante de sua complexidade.” (DIAS, 2011, p. 10)

A tentativa deste artigo é buscar uma interpretação de *O morro dos ventos uivantes* que procure contemplar o sentimentalismo melancólico da narrativa, e que se reflete tanto em seus personagens quanto na paisagem que os cerca, explorando assim o modo como a narrativa transborda em sentimentalismo - o que, conseqüentemente, torna difícil seu enquadramento completo em algum estilo literário (DIAS, 2011, p. 10). Busca-se ainda, a partir da perspectiva da topoanálise, compreender também a centralidade do espaço nesta narrativa, e que se reflete nos comportamentos e psicológicos dos personagens da trama. Através de uma retomada inicial da vida e trajetória literária de Emily Brontë, será analisado seu estilo narrativo, autores e gêneros que a inspiraram a escrever este clássico marcado por um romantismo violento e sombrio, imortalizado na história da literatura.

Emily Brontë: influências estilísticas e inspirações

“Vez por outra, uma Emily Brontë (...) explode numa chama e prova o seu valor”

(WOOLF, 2004, p. 56 *apud* DIAS, 2011, p. 20)

Nascidas e criadas no meio rural britânico, a infância recheada de livros de literatura e criação de histórias e terras de fantasia leva as três irmãs Brontë - Charlotte, Emily e Anne – a ingressar no mundo da escrita, produzindo obras de sucesso no mercado literário. De acordo com Daíse Lílian Fonseca Dias, em sua tese *A subversão das relações coloniais em “O Morro dos Ventos Uivantes”*: *questões de gênero*: “Mesmo com poucos recursos financeiros, a

família Brontë era instruída e politizada. Por não terem livros infantis para ler, as fontes de leitura das crianças eram os jornais, as revistas de política que circulavam em casa e os livros do pai” (GASKELL, 2005 *apud* DIAS, 2011, p. 26). Tal estímulo familiar às letras leva as crianças Brontë a cultivar, desde cedo, um gosto pela leitura e por discussões contemporâneas que lhes inspiravam a imaginação, levando-as a criar mundos de fantasia cujos elementos foram por vezes recorrentes e reexplorados suas carreiras autorais (DIAS, 2011, p. 26).

Através da literatura e debates em seu ambiente doméstico, as irmãs Brontë entram em contato desde cedo com assuntos da política e sociedade de sua época, o que teria levado Emily “a se identificar e a defender, tanto em sua poesia quanto em seu romance, os revolucionários e os oprimidos, revelando um aspecto da sua personalidade tão comentado pelos biógrafos: a necessidade e a defesa da liberdade.”(DIAS, 2011, p. 28). E em *O morro dos ventos uivantes*, o seu único romance, é possível perceber em diversos momentos o quanto tal ideal era caro para a autora: a paisagem rural e distante do convívio em sociedade na qual a narrativa se passa serve de cenário no qual Catherine e Heathcliff, vivendo uma infância livre em meio à natureza, vivenciam o nascimento de seu amor. Tornou-se também recorrente a interpretação de que o romance apresenta a história da perda da liberdade como principal fio condutor, representada pelo ingresso dos dois protagonistas na vida adulta e consequente impossibilidade de vivenciarem o amor construído, devido às normas da sociedade da época. A liberdade só lhes é novamente concedida em morte, e que se apresenta como o inevitável desfecho da narrativa.

Existe uma dificuldade, no entanto, em se saber detalhadamente quais foram as obras e autoras(es) com os quais Emily teve contato (BROWN, 1939, p. 374). Um dos autores que parece ter influenciado diretamente sua escrita foi Lord Byron, o que pode ser percebido nas semelhanças entre os estilos literários e passagens dos escritos poéticos dos dois escritores.

His poems seem to have coloured her imagination through and through, and much that is puzzling in her poetry may perhaps be explained by an early and intense pleasure in his. The resemblances are not the kind which are due to deliberate imitation, but those which are produced by an imagination soaked in the poetry of another (..) (BROWN, 1939, p. 375)¹

Teria sido o estilo de Byron que inspirou a construção do elemento *trágico*, tão marcante nas produções de Emily. Para Helen Brown, estudiosa das obras de Emily, pode-se

¹“Os poemas dele parecem ter colorido sua imaginação por completo, e muito do que é intrigante em sua poesia pode talvez ser explicado por um prazer precoce e intenso na dele. As semelhanças não são do tipo devido à imitação deliberada, mas aquelas que são produzidas por uma imaginação embebida na poesia de outro (...)” (BROWN, 1939, p. 375; tradução nossa).

perceber esta influência desde as produções fantasiosas sobre as terras de Gondal – criação de Emily e sua irmã Anne em seus anos de infância e adolescência. Os poemas sobre Gondal são marcados pela representação de “a tale of civil war, treachery, vengeance, love and hate, faithlessness and remorse, imprisonment and early death.” (BROWN, 1939, p. 377)², o que os aproxima da escrita de Byron.

Os mesmos elementos encontrados nestas obras fantasiosas apresentam-se em diversas outras produções na autora. Em seus textos poéticos, Emily Brontë faz do sentimentalismo uma presença constante e significativa, sendo seus poemas principalmente caracterizados pelo contraste entre a vida terrena – neles entendida como um estado de cárcere, verdadeira prisão - e a liberdade, que seria concedida no momento da morte (BUCHEN, 1967, p. 63). “Emily's poems are pervaded by the sense of doom, of inexpressible guilt, remorse and shame, of high and noble feelings turned, by some twist of fate, to misery and horror.” (BROWN, 1939, p. 379)³.

O morro dos ventos uivantes apresenta, ao longo de toda a narrativa, este mesmo sentimentalismo mórbido, e tal contraste entre vida e morte é evocado constantemente no decorrer do romance. De acordo com Leicester Bradner, é possível ver nas poesias de Emily diversas características que serão também trabalhadas pela autora em sua prosa: “(...) by the creating of these personages of her imaginary world and by the building up of careers full of passionate intensity for them she was unconsciously preparing herself for the writing of *Wuthering Heights*.” (BRADNER, 1933, p. 136)⁴. O amor quase obsessivo entre Catherine e Heathcliff, que não se interrompe após a morte precoce da primeira, bem como diversos diálogos e discussões entre os personagens são descritos, na maioria dos casos, de um modo bruto, pesado e até mesmo sádico e selvagem (BRADNER, 1933, p. 129). Por conta destes motivos, o romance chocou os leitores e críticos literários na época em que foi lançado:

Resenhas e comentários publicados em jornais e revistas da época do lançamento do livro na Inglaterra e nos Estados Unidos enfatizaram a profusão de suas cenas de violência, e criticaram duramente o comportamento transgressivo do casal de protagonistas (Catherine e Heathcliff) (ALEGRETTE, 2017, p. 2).

²“Um conto de guerra civil, traição, vingança, amor e ódio, falta de fé e remorso, aprisionamento e morte precoce.” (BROWN, 1938, p. 377; tradução nossa)

³“Os poemas de Emily são impregnados por uma noção de desgraça, alguma culpa inexprimível, remorso e vergonha, e de grandes e nobres sentimentos transformados, por alguma reviravolta do destino, em miséria e horror.” (BROWN 1939, p. 379; tradução nossa)

⁴“(…) pela criação destes personagens de seu mundo imaginário e pela construção de um curso cheio de intensidade passional para eles ela estava inconscientemente se preparando para a escrita de *O Morro dos Ventos Uivantes*”(BRADNER, 1933, p. 136; tradução nossa)

Mesmo assim, *O Morro dos Ventos Uivantes* é até os dias atuais muito lido e estudado, demonstrando o grande impacto e repercussão de seu ousado estilo literário.

O Morro dos Ventos Uivantes: uma história sobre a infância, o amor e a perda

But since growth and the loss of Eden are inevitable, it would seem that once childhood is lost the remainder of life is largely hellish. And in many ways the poetry and *Wuthering Heights* demonstrate that such is the case. But there is another experience -that of love-which, like that of childhood, is other-worldly in its nature and which promises an antidote and even a release from the existence of imprisonment. (BUCHEN, 1967, p. 66)⁵

O grande fio condutor de *O morro dos ventos uivantes*, permeando todo o romance e atuando como a base de seus conflitos, é o intenso e impossível amor entre Catherine Earnshaw e Heathcliff, e sua profunda ligação com o cenário à sua volta, além da forte personalidade sádica, enérgica e vingativa deste segundo. Seu ódio surge das diversas perdas e dificuldades que sofre em vida, acentuando-se pela morte precoce de sua amada: “(...) the romantic intensity and the mad combination of love and revenge which drives Heathcliff from one cruelty to another.” (BRADNER, 1933, p. 138)⁶.

Dando título a obra, o *Morro dos Ventos Uivantes* é a propriedade, localizada no meio rural inglês, que atua como principal cenário do romance. Uma das grandes novidades dessa obra para a literatura está no uso de múltiplos narradores e pontos de vista para contar a história ao leitor (DIAS, 2011, p. 21), e, no início do livro, o leitor é introduzido ao ambiente da história por meio do sr. Lockwood, novo inquilino da Granja dos Tordos, a residência vizinha. Ao fazer uma visita ao *Morro dos Ventos Uivantes*, Lockwood logo sente um clima sinistro rondando a casa: desde a recepção pelo carrancudo e grosseiro proprietário, o sr. Heathcliff, a presença de um descuidado e taciturno rapaz até a inesperada presença de uma bela jovem, cujo semblante é marcado por uma profunda tristeza – e é mais tarde identificada como a filha de Catherine Earnshaw, Cathy Linton. Todos, para Lockwood, apresentam comportamentos “cabisbaixos e taciturnos” (BRONTË, 2009, p. 13).

⁵“Mas já que o crescimento e a perda do Eden são inevitáveis, pareceria que uma vez que a infância é perdida o restante da vida é em grande parte infernal. E em muitas maneiras a poesia e *O Morro dos Ventos Uivantes* demonstram que é este o caso. Mas há uma outra experiência – aquela do amor na qual, assim como a infância, é de outro mundo em sua natureza, e promete um antídoto e até mesmo uma libertação da existência de aprisionamento” (BUCHEN, 1967, p. 66; tradução nossa).

⁶“ (...) a intensidade romântica e a louca combinação de amor e vingança, que conduz Heathcliff de uma crueldade a outra” (BRADNER, 1933, p. 138, tradução nossa).

Certo dia, uma forte tempestade que ocorre enquanto Lockwood visita o Morro dos Ventos Uivantes obriga-o a permanecer na propriedade. Sua breve estadia leva ao estranhamento cada vez mais crescente à sinistra propriedade vizinha: o hóspede encontra diversos escritos na parede com o nome “Catherine Earnshaw”, “Catherine Linton” e até “Catherine Heathcliff”, o que o leva a passar a noite tendo intensos pesadelos com o suposto fantasma desta moça. Ao retornar à Granja dos Tordos, assustado e perturbado com as aparições fantasmagóricas e os comportamentos cada vez mais desagradáveis dos moradores da casa vizinha, Lockwood pede a Nelly Dean, governanta do local há dezoito anos, que lhe conte a história da misteriosa família que habita a propriedade.

A “selvagem” infância de Catherine e Heathcliff é o ponto de partida da narrativa de Nelly. Inseparáveis, sua amizade inicia logo com a chegada do menino ao Morro dos Ventos Uivantes, trazido pelo sr. Earnshaw, pai de Catherine, para ser criado junto à família, após encontrá-lo em uma de suas viagens. O garoto possui traços físicos semelhantes ao povo cigano, apesar de que suas origens familiares nunca são explicadas no romance. Mesmo sendo bem tratado pelo sr. Earnshaw, Heathcliff sofre constantes abusos por parte irmão de Catherine, Hindley Earnshaw, e a situação piora após a morte do patriarca da família. Mas Nelly não esconde sua aversão a Heathcliff, afirmando que “o garoto gerou desde o início um mau ambiente dentro de casa” (BRONTË, 2009, p. 35).

Mas o amor entre Catherine e Heathcliff, nascido em suas infâncias livres, é interrompido pela chegada da vida adulta, que traz a impossibilidade de vivenciarem o romance (BUCHEN, 1967, p. 63-70). Catherine, mesmo amando Heathcliff profundamente, decide casar-se com Edgar Linton, herdeiro da Granja dos Tordos, por temer a miséria que um futuro com seu amado poderia trazer aos dois. Ela acredita possibilitar, deste modo, um futuro mais digno para ambos (BRONTË, 2009, p. 74). Heathcliff, contudo, arrasado pelo sentimento de rejeição, foge da propriedade, retornando apenas três anos depois. Em sua ausência, ele enriquece misteriosamente, e casa-se com Isabella Linton - irmã de Edgar - ao regressar ao Morro dos Ventos Uivantes, gerando com ela um filho.

Mas seu retorno provoca em Catherine uma forte angústia, levando-a a perder-se cada vez mais em devaneios, e adentrando um estado de loucura. Cada vez mais reclusa, a moça entrega-se a insanidade, ficando aos cuidados de Nelly. Após meses nesse estado degradante, Catherine enfim padece ao dar à luz a filha que carrega seu nome, Catherine Linton – por vezes chamada apenas de Cathy, para distingui-la da mãe.

A morte de Catherine Earnshaw produz o sentimento de vingança que marca profundamente o arco narrativo de Heathcliff a partir de então. Ele busca, agora, reviver o passado através da nova geração - formada por seu filho, a filha de Catherine e o filho de Hindley, Hareton Earnshaw, projetando neles suas desilusões e frustrações.

Although he knows even before his return that Catherine has married, he does not seem able to change tactics or to adjust to the new circumstances. After Catherine's death, he attempts to relive the past (adjusted to his desires) vicariously, through his son. According to his schema, Linton, his son, is to be Heathcliff- become-Edgar; Hareton, Hindley's son, is to be Hindley-become-Heathcliff; Cathy Linton, Catherine Earnshaw's daughter, is to be the new Catherine Earnshaw (SONSTROEM, 1971, p. 54).⁷

Mas por mais que Heathcliff busque a satisfação que lhe foi negada por meio da vingança nos filhos, é impossível culpabilizá-los inteiramente pelas frustrações que seus pais provocaram: e este apresenta-se como o principal entendimento de Heathcliff ao longo do romance. Quando ele enfim distingue esses novos personagens de seus respectivos pais, identificando neles características incompatíveis com a geração anterior, Heathcliff finalmente percebe que sua paz não será encontrada através da vingança contra eles, mas sim em morte. Ele se deixa perecer, confinando-se em seus aposentos e recusando alimento. Atrai sua própria morte, enxergando que, apenas com sua chegada, será livre. E é apenas ao morrer que seus cruéis impulsos são neutralizados: unido ao espírito de Catherine, os dois estão, enfim, em paz. “In the general neutralization of impulses, Heathcliff loses interest in his immediate surroundings and welcomes Catherine's apparition.” (SONSTROEM, 1971, p. 54).⁸

O morro dos ventos uivantes, o gótico e o sentimentalismo

(...) o meu amor por Heathcliff é como as penedias que nos sustentam: podem não ser um deleite para os olhos, mas são imprescindíveis. Nelly, eu sou o Heathcliff. Ele está sempre, sempre, no meu pensamento. Não por prazer, tal como eu não sou um prazer para mim própria, mas como parte de mim mesma, como eu própria (BRONTË, 2009, p. 75).

⁷“Apesar de que ele sabe desde antes de seu retorno que Catherine está casada, ele não parece ser capaz de mudar suas táticas ou de se ajustar às novas circunstâncias. Após a morte de Catherine, ele busca reviver o passado (ajustado aos seus desejos), vicariamente, por meio de seu filho. De acordo com este esquema, Linton, seu filho, deve ser Heathcliff transformado em Edgar; Hareton, o filho de Hindley, deve ser Hindley transformado em Heathcliff, Cathy Linton, a filha de Catherine Earnshaw, deve ser a nova Catherine Earnshaw” (SONSTROEM, 1971, p. 54; tradução nossa)

⁸“Na neutralização geral de seus impulsos, Heathcliff perde o interesse nos seus arredores imediatos e dá as boas vindas à aparição de Catherine” (SONSTROEM, 1971, p. 54; tradução nossa)

Emily Brontë mergulha profundamente no sentimentalismo ao escrever seu romance. *O morro dos ventos uivantes* não economiza detalhes na descrição dos sentimentos e das características psicológicas de seus personagens, buscando demonstrar sempre suas aflições, medos, sadismos e loucuras. Na obra, as cenas de conflito entre as figuras da trama ganham importante espaço: suas emoções afloram-se, e a compostura é perdida ao ponto de resultarem em momentos de violência física.

Tal sentimentalismo, sendo o aspecto da obra que mais chama atenção dos leitores – tanto no século XIX quanto nos dias atuais - é também o que aproxima a obra do estilo gótico. De acordo com Natália Cortez do Prado, o romance gótico define-se por explorar:

o sublime, o terror, a desordem sentimental, além de interrogar as contradições sociais, as características gerais do Iluminismo, encenar os “medos e os temores que interrogavam a nascente sociedade burguesa” e a mescla de “medo e interesse que parece ter caracterizado as relações da burguesia com a aristocracia.” (PRADO, 2016, p. 9).

Para Alessandro Yuri Alegrette, os aspectos românticos da obra, perpassados por cenas de violência, eventos sobrenaturais e as transgressões do casal protagonista dão à obra o ar sombrio que a aproxima do romance gótico. O ambiente desolado e assustador em que o romance é ambientado, bem como a personalidade maléfica e violenta de Heatchcliff e sua paixão por Catherine, que beira a loucura e transgrede os limites entre a vida e a morte, são características do gótico amplamente exploradas em *O morro dos ventos uivantes*, demonstrando a influência da literatura deste estilo na construção do romance de Brontë (ALEGRETTE, 2017, p. 3).

Emily Rena-Dozier, ao distinguir os romances góticos dos romances domésticos - que, ao seu ver, seriam os dois principais estilos literários ingleses oitocentistas (RENA-DOZIER, 2010, p. 758) - afirma que o primeiro estaria ligado a “a proliferation of narrative frames and voices, and represents the forces of violence, wildness and savagery”. (RENA-DOZIER, 2010, p. 758)⁹. Os romances domésticos, por sua vez, seriam as obras “marked by na assumption of omniscient, totalizing narratorial awarness and associated with civilization, cultivation, and the feminine” (RENA-DOZIER, 2010, p. 758)¹⁰. Ao dissertar sobre os impactos destes dois estilos contrastantes na literatura inglesa do século XIX, Dozier afirma que o estilo gótico, ao contrário do doméstico, era duramente criticado pelos estudiosos da

⁹“uma proliferação de quadros narrativos e vozes, e representa as forças da violência e selvageria” (RENA-DOZIER, 2010, p. 758; tradução nossa)

¹⁰“marcada por um pressuposto de consciência narrativa onisciente e totalizante e associada à civilização, ao cultivo e ao feminino” (RENA-DOZIER, 2010, p. 758; tradução nossa)

literatura na época, por abordar temas mais violentos, obscuros e sentimentais (RENA-DOZIER, 2010, p. 759). E, para a autora, o peculiar de *O morro dos ventos uivantes* seria sua flutuação entre os dois estilos. Ao contrário do que os defensores do estilo doméstico acreditavam, este romance demonstraria “the ways in which the domestic is predicted on acts of violence”(RENA-DOZIER, 2010, p. 760)¹¹.

Este seria o mesmo motivo pelo qual torna-se tão difícil encaixar a obra em algum estilo literário inglês dos oitocentos, tornando *O morro dos ventos uivantes* um romance tão peculiar na história da literatura. O livro destaca-se por sua singularidade estilística, apresentando tanto elementos góticos e ultra sentimentais quanto do tradicional romantismo doméstico oitocentista.

São justamente seus excessos que levam *O morro dos ventos uivantes* a chocar o público leitor da época, quando lançado. “(...) Emily Brontë, de fato, não escreveu para agradar a um público leitor e, por isso, ela não estava presa às limitações que as questões de recepção poderiam lhe trazer, o que permitiria a autora maior liberdade sobre o que dizer e como dizer” (DIAS, 2011, p. 49). Reconhecido em sua importância para a história da literatura apenas a partir do final do século XIX, o livro enfrentou, na época de sua publicação, duras críticas quanto a “apaixonada e sombria história de amor entre Cathy e Heathcliff” (DIAS, 2011, p. 55) bem como “aos demais personagens e suas emoções, principalmente com seu demoníaco herói byroniano” (DIAS, 2011, p. 55).

Esses elementos, chocantes para o público leitor da época, acabam por caracterizar profundamente a obra e eternizá-la na literatura: *O morro dos ventos uivantes* é até hoje popular, passando por diversas reedições. O amor entre Catherine e Heathcliff diferencia-se demasiadamente das histórias românticas escritas na época, combinando elementos românticos e góticos e que trazem à narrativa uma peculiaridade única, e uma riqueza metafórica e literária exclusiva. “(...) Emily Brontë escreve como se o poço de paixão no qual vivem seus protagonistas fosse algo natural, um aspecto normal da vida.” (DIAS, 2011, p. 56).

Talvez uma das passagens mais conhecidas e marcantes deste romance seja quando Catherine, em um momento de profunda angústia, admite para Nelly seu amor por Heathcliff. Nelly logo adota uma postura receosa, provocada principalmente pela ascendência racial e

¹¹“as maneiras pelas quais o doméstico é previsto em atos de violência” (RENA-DOZIER, 2010, p. 760; tradução nossa).

social duvidosa de Heathcliff, e aconselha Catherine a abrir mão de seus sentimentos casar-se com Edgar Linton. A protagonista, no entanto, está completamente convencida de seu amor, em um discurso que abala a interlocutora:

(...) Não sei como explicar, mas certamente que tu e toda a gente têm noção de que existe, ou deveria existir, um outro *eu* para além de nós próprios. Para que serviria eu ter sido criada se apenas me resumisse a isto? Os meus grandes desgostos neste mundo foram os desgostos do Heathcliff, e eu acompanhei e senti cada um deles desde o início; é ele quem me mantém viva. Se tudo percesse, e *ele* ficasse, eu continuaria, mesmo assim, a existir; e se tudo o mais ficasse e ele fosse aniquilado, o universo se tornaria para mim uma vastidão desconhecida, a que eu não teria a sensação de pertencer. O meu amor pelo Linton é como a folhagem dos bosques: já se transformar com o tempo, sei disso, como as árvores se transformam com o inverno. Mas o meu amor por Heathcliff é como as penedias que nos sustentam: podem não ser um deleite para os olhos, mas são imprescindíveis. Nelly, eu sou o Heathcliff. Ele está sempre, sempre, no meu pensamento. Não por prazer, tal como eu não sou um prazer para mim própria, mas como parte de mim mesma, como eu própria. Portanto, não voltes a falar na nossa separação, pois é algo impraticável, e...”

Deteve-se, escondendo o rosto nas pregas da minha saia, mas eu empurrei-a. Tanta loucura fizera-me perder a paciência! (BRONTË, 2009, p. 74-75).

O amor que Catherine diz sentir por Heathcliff é apresentado por Brontë como algo tão intrínseco a ela, constituinte de seu ser, que torna-se inevitável e imortal. Catherine não se distingue de Heathcliff, e o considera parte de seu próprio ser: os dois são os mesmos, compartilham alma e mente. Não é à toa que uma das frases mais reconhecidas e marcantes da obra é quando ela afirma, convicta: “eu sou Heatchcliff” (BRONTË, 2009, p. 75). E este sentimento causa horror em Nelly, considerando-o uma loucura e um equívoco por parte da moça. A governanta busca recuperar o bom senso da personagem, ao vê-la prestes a perder-se em uma enxurrada de sentimentos que considera irracionais. A fala que lhe serve de resposta ao desabafo de Catherine reflete suas aversões aos sentimentos da protagonista: “Tanta loucura fizera-me perder a paciência! ‘Se eu for capaz de dar senso a tanto contrassenso’ disse eu, ‘só servirá para me convencer ainda mais da sua ignorância dos deveres que irá assumir com o casamento (...)’” (BRONTË, 2009, p. 75).

Correspondendo ao sentimento de Catherine, Heathcliff recorre ao mesmo exagero sentimental ao falar sobre seu amor. O personagem, no entanto, é marcado desde o início da obra por ser um homem violento, raivoso, rude e de poucas maneiras. E, mesmo amando Catherine, seu sentimento por ela parece misturar-se com sua raiva e ira – principalmente depois de sua amada, cedendo aos conselhos e apelos de Nelly, casar-se com Edgar Linton.

Mostraste-me agora o quão cruel tens sido. Cruel e falsa! Por que me desprezaste, Cathy? Por que me traíste o teu próprio coração? Não tenho sequer uma palavra de conforto para dar. Tu mereces tudo aquilo que estás passando. Mataste a si própria. Sim, podes beijar-me e chorar o quanto quiseres. Arrancar-me beijos e lágrimas. Mas eles vão te queimar e serás amaldiçoada. Se me amavas, por que me deixaste? Com que direito? Responda-me! Por causa da mera inclinação que sentias pelo Linton? Pois não foi a miséria, nem a degradação, nem a morte, nem algo que Deus ou Satanás pudessem enviar, que nos separou. Foste tu, de livre vontade, que o fizeste. Não fui eu que despedacei teu coração, foste tu própria. E, ao despedaçar o teu, despedaçaste o meu também. Tanto pior para mim, que sou forte e saudável. Se eu desejo continuar a viver? Que vida levarei quando... Oh! Meu Deus! Gostaria tu de viver com a alma na sepultura? (BRONTË, 2009, p. 140)

Assim como Catherine, Heathcliff também compreende possuírem a mesma alma e coração. Seu amor significa uma identificação mútua, com um sendo quase como uma extensão do outro. “The aim of love is to bring about such a total coincidence of souls that they are interchangeable. Heathcliff becomes Catherine's life, and she his. When the soul discovers his otherness residing in a beloved, the desire is not just to be or come together with the other but to become the other.” (BUCHEN, 1967, p. 67).

No romance, o amor mórbido que ele [Heathcliff] nutre pela moça é demonstrado por meio de suas ações violentas e até mesmo irracionais, destacando-se dentre elas, aquela que é descrita na cena em que ele viola o caixão de Catherine, ou quando, após tomar conhecimento da morte de sua amada, Heathcliff flagela o próprio corpo, demonstrando seu intenso sofrimento (ALEGRETTE, 2017, p. 16).

É em Heathcliff que o sentimentalismo violento e mórbido, característico de *O morro dos ventos uivantes*, personifica-se. Figura enigmática e misteriosa, o protagonista, diluindo-se entre herói e vilão do romance, distancia-se completamente dos heroicos cavalheiros do Romantismo, e apresenta-se como uma figura de comportamento extremamente temperamental e personalidade marcada pela violência. Os adjetivos utilizados para descrevê-lo no livro são majoritariamente ligados ao sombrio, ao maléfico e ao vingativo, sendo comum o uso da palavra “demoníaco” para descrevê-lo. A própria filha de Catherine, ignorante dos sentimentos que sua mãe nutria por Heathcliff, lhe diz que Nelly e seu pai referiam-se a ele como “diabólico e que nos detesta a todos” (BRONTË, 2009, p. 200). De acordo com Georges Bataille, “(...) não há lei, nem força, convenção nem piedade que detenha um instante o furor de Heathcliff (...). Não há na literatura romântica um personagem que se imponha mais realmente, e mais simplesmente, que Heathcliff.” (BATAILLE, 1989, p. 16-17). Para Alegrette, o personagem de Heathcliff representa:

(...) o “cigano” misterioso, inclemente, cínico, que por meio de seus atos passionais e violentos afronta tanto o código moral quanto o social. Além disso, o terrível desejo de

vingança de Heathcliff torna-o um ser diabólico vindo de algum lugar infernal. Dessa forma, no protagonista misterioso e soturno, cheio de conflitos internos, a autora modela a figura do herói byroniano, nos moldes da tradição gótica e ao mesmo tempo, ela consegue atribui-lhes uma nova roupagem, em que predomina a densidade psicológica (ALEGRETTE, 2017, p. 2-3).

Heathcliff é desde o início da obra marcado pela selvagem grosseria, sarcasmo e frieza, como pode-se ver na narração de Lockwood:

‘Vais ou não vais fazer o chá?’ perguntou ele [Heathcliff] ao rapaz do casaco puído, desviando depois o olhar irado de mim para a jovem senhora.

‘E *ele* também toma?’ perguntou ela, virando-se para Heathcliff.

‘Despache-se com isso!’ foi a resposta, proferida com tal violência que estremei. O tom em que as palavras haviam sido ditas revelava um caráter intrinsecamente mau. Já não me sentia nada inclinado a chamar Heathcliff de um tipo formidável (BRONTË, 2009, p. 13)

Na análise de Alegrette, o protagonista realiza o papel de o herói-vilão do romance: de aparência incomum para os demais e não-branca, Heathcliff é sempre tratado como um estrangeiro em seu próprio lar, percebido por seus familiares adotivos - com exceção de Catherine e do Sr. Earnshaw - como um ser maligno ou demoníaco (ALEGRETTE, 2017, p. 10). Tal caracterização do elemento estrangeiro é também um aspecto da literatura gótica, que explora a visão da sociedade inglesa sobre os estrangeiros como seres degenerados e perigosos (ALEGRETTE, 2017, p. 11). E, ao mesmo tempo em que ele porta-se como o principal agente do mal na obra, proporcionando o pavor e o conflito entre os demais personagens, Heathcliff é o principal personagem do romance, sendo seu envolvimento com Catherine, sua sobressalente presença no ambiente, influência sobre os demais personagens e seu arco vingativo o eixo central de *O morro dos ventos uivantes*.

A personalidade de Heathcliff pode ser vista como o resultado do conjunto de frustrações que vive ao longo de sua vida: da discriminação racial que sofre nas mãos do irmão de Catherine, durante a infância, à perda de sua amada quando ela se casa com outro. Para Bataille, “O tema do livro é a revolta do maldito que o destino expulsa de seu reino e que nada contém no desejo ardente de reencontrar o reino perdido.” (BATAILLE, 1986, p. 16). Sua revolta fundamenta-se, portanto, na perda do relacionamento que tinha com Catherine quando crianças, enquanto cresciam livres e envoltos em brincadeiras selvagens distantes das convenções sociais, algo entendido por Bataille como o “reino da infância” - e essa perda seria, portanto, uma expulsão deste reino (BATAILLE, 1986, p. 16).

Nesta revolta não há lei que Heathcliff não se deleite em transgredir. Ele percebe que a cunhada de Catherine está apaixonada por ele: casa-se com ela para fazer o máximo de mal possível ao marido de Catherine. Ele a rapta e, assim que se casa, humilha-a; depois, tratando-a sem consideração, leva-a ao desespero. (BATAILLE, 1986, p. 17).

O temperamento sádico e maldoso de Heathcliff está na origem de grande parte das cenas de conflito do livro. Nestas, é comum que haja a total perda de compostura pelos personagens da obra, que trocam insultos, se agredem fisicamente e adquirem características psicológicas identificadas com a loucura, transgredindo os comportamentos tidos como racionais.

O sr. Heathcliff lançou-me um olhar que, por momentos, me impediu de interferir. Catherine [filha] estava demasiado atenta à mão dele para dar conta da expressão de seu rosto. Subitamente, ele abriu a mão, libertando o objeto de disputa; porém, antes que Catherine conseguisse apanhá-lo, ele a agarrou com a mão livre e, puxando-a para cima dos joelhos, deu com a outra mão uma série de bofetadas nos dois lados de sua cabeça, das quais uma só seria suficiente para cumprir a ameaça de atirá-la ao chão, não estivesse ela firmemente segura entre as suas pernas.

Avancei para ele, furiosa perante a violência tão demoníaca.

‘Pare!’ gritei-lhe. ‘Grande patife!’

Um murro no peito fez-me calar (...) (BRONTË, 2009, p. 233)

Onde os ventos se enfurecem: a influência da paisagem na narrativa

Muito solitária, seja como novela, seja como peça de literatura de terror, é a famosa *Wuthering Heights* (O Morro dos Ventos Uivantes), de Emily Brontë com suas visões alucinadas de pântanos soturnos varridos pelo vento de Yorkshire, e as vidas violentas, desnaturadas que eles fomentam. Conquanto, seja, sobretudo, uma história de vidas e paixões humanas em agonia e conflito, seu cenário de epopeia cósmica abre espaço para um horror do tipo mais espiritual (LOVECRAFT, 2008, p. 50 apud ALEGRETTE, 2017, p. 4).

Em *O morro dos ventos uivantes*, a paisagem rural e isolada na qual o romance se desenrola apresenta-se como elemento central para a construção da narrativa, influenciando os personagens e seus sentimentos, e não sendo por acaso que o nome da propriedade dá título à obra. Pode-se ver o cenário onde a Granja dos Tordos e o Morro dos Ventos Uivantes localizam-se como um espaço vivo, intenso e ricamente descrito, buscando inserir o leitor neste ambiente melancólico e longínquo. “A importância do cenário no livro de Emily Brontë é tamanha a ponto de a antiga propriedade rural, em que é ambientada grande parte sua trama, tornar-se um verdadeiro personagem, com ação e caracterização próprias.” (ALEGRETTE, 2017, p. 4).

A descrição das paisagens nas quais a história se passa, bem como o modo como os personagens sentem-se nelas, são embutidas do mesmo sentimentalismo sombrio presente na descrição dos sentimentos e relacionamentos dos personagens. Para Lovecraft, a rudez da paisagem rural do interior inglês que serve de cenário “reflete a alma dos personagens que a habitam.” (LOVECRAFT, 2008, p. 50 apud ALEGRETTE, 2017, p. 4). Cathy Linton, por exemplo, é descrita por Lockwood no início do romance como tendo um “olhar frio e distante, assaz embaraçoso e desagradável” (BRONTË, 2009, p. 11), e sua expressão, apesar de bela, é vista por ele como “entre o escárnio e um quase desespero, algo tão singular e antinatural, que eu jamais esperaria encontrar ali.” (BRONTË, 2009, p. 12). O inquilino vê Heathcliff, senhor da propriedade, como tendo um “caráter intrinsecamente mau” (BRONTË, 2009, p. 13). E Hareton Earnshaw, o primo de Cathy, é visto por Lockwood como tendo pouco cuidado com sua aparência, modos e linguagem, uma postura quase insolente, e “olhava para mim de soslaio, com desdém, como se existisse entre nós alguma ofensa mortal ainda não desagravada” (BRONTË, 2009, p. 12).

A centralidade e personificação do espaço e paisagem na obra demonstram, novamente, a aproximação de Emily Brontë ao estilo gótico, já que nesse estilo a descrição espacial e seus elementos sombrios possui um papel essencial. “Assim, por meio da configuração desse ambiente sinistro e melancólico, (...) Emily Brontë realiza uma fusão do estilo gótico e o Romantismo, em sua vertente mais soturna.” (ALEGRETTE, 2017, p. 49).

Desta forma, a interferência do espaço na narrativa de *O morro dos ventos uivantes*, estudada a partir da perspectiva da topoanálise, permite compreendê-lo como um elemento significativo e central na história, constituindo o psicológico dos personagens a partir da relação e influência do meio no seu comportamento. Gaston Bachelard define a topoanálise como “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1989 p. 28, apud BORGES FILHO, 2002, p. 1), e Oziris Borges filho expande essa definição, compreendendo que:

Por topoanálise, entendemos mais do que o “estudo psicológico”, pois a topoanálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural. (BORGES FILHO, 2008, p. 1)

Borges Filho entende, portanto, que o espaço da narrativa literária “serve a variados propósitos”, entre estes “representar os sentimentos vividos pelas personagens” (BORGES FILHO, 2008, p. 2), havendo por vezes um entrelaçamento entre a descrição do espaço ocupado pela personagem e os seus sentimentos. O espaço pode atuar como elemento caracterizante das personagens, “situando-as no contexto sócio-econômico e psicológico em que vivem.” (BORGES FILHO, 2008, p. 1). Para este autor: “Muitas vezes, mesmo antes de qualquer ação, é possível prever quais serão as atitudes da personagem, pois essas ações já foram indiciadas no espaço que a mesma ocupa.” (BORGES FILHO, 2008, p. 1).

No romance de Emily Brontë, o Morro dos Ventos Uivantes descrito desde o início como um local de caos, tristeza e confusão, atua como elemento constituinte das ações e comportamentos de seus habitantes. Logo que chega à propriedade, o inquilino Lockwood parece já começar a sentir as tensões e conflitos que rondam o lugar.

Lockwood discovers an "amiable hostess" who does not respond to small talk, a nest of cats that is really a heap of dead rabbits: "Intrepidly, Lockwood rattles off one misinterpretation after another about the identity of the people in Wuthering Heights and their (he presumes) normal relations with each other.... Finally he comes to a dim awareness, if not an admission, that he has stepped into a land and a dwelling ... where none of his mundane methods of perception will apply." Brick goes on to remark that "Lockwood's inability to make out the inside of Wuthering Heights is matched by his puzzled scrutiny of its exterior, where the landmarks and dangerous pitfalls have been concealed by snow." This image of a man floundering in a world of obliterated landmarks has its application well beyond Lockwood (SONSTROEM, 1971, p. 52)¹².

Os adjetivos utilizados para descrever a propriedade são, em sua grande maioria, ligados ao caos, à melancolia e à morbidez, colocando o ambiente enquanto um reflexo do psicológico dos personagens que habitam a casa. Seus arredores são uma paisagem exposta a fortes tempestades, “no alto daquele monte desnudo e desolado, a terra era dura, coberta de negra geada, e o ar frio fazia-me tremer até os ossos” (BRONTË, 2009, p. 10). O interior da casa é antigo, repleto de cães barulhentos, com um telhado sem forro, “exibindo-se em toda a sua nudez aos olhares curiosos” (BRONTË, 2009, p. 6), e uma mobília velha e rústica que “nada teriam de extraordinário se pertencessem a um simples lavrador do norte da Inglaterra

¹²“Lockwood descobre uma "anfitriã amigável" que não responde a conversa fiada, um ninho de gatos que é na verdade um monte de coelhos mortos: "Intrepidamente, Lockwood recita uma interpretação errada após a outra sobre a identidade das pessoas em Wuthering Heights e suas (ele presume) relações normais entre si Finalmente ele chega a uma vaga consciência, se não uma admissão, de que ele pisou em uma terra e uma habitação ... onde nenhum de seus métodos mundanos de percepção será aplicável." Brick prossegue, observando que "a incapacidade de Lockwood de distinguir o interior do Morro dos Ventos Uivantes é igualada por seu intrigante escrutínio de seu exterior, onde os marcos e perigosas armadilhas foram ocultados pela neve." Esta imagem de um homem se debatendo em um mundo de marcos destruídos tem sua aplicação bem além de Lockwood” (SONSTROEM, 1971, p. 52; tradução nossa)

(...)” (BRONTË, 2009, p. 7). O próprio nome da propriedade está ligado aos sentimentos que o local evoca:

Tal título dá o clima de misticismo e horror, o tom do romance, onde a natureza com sua fúria e beleza parece provocar intimamente os personagens e suas vidas muitas vezes aberrantes. Como se em “Wuthering Heighs”, terras altas onde firmaram residência os Earnshaw, longe da civilização e da cultura (mas não sem elas, claro deve estar), houvesse sempre o presságio do mal, da aflição e do conflito (RIGUINI, 2013, p. 70).

Lockwood, ao chegar na residência, percebe a atmosfera pesada e a decadência que a circunda: “Não era possível que todos os dias se sentassem à mesa tão cabisbaixos e taciturnos, e era impossível, por mais maldispostos que estivessem, que aquelas caras de poucos amigos os acompanhassem diariamente” (BRONTË, 2009, p. 13). Um pouco depois, ele continua: “A atmosfera sinistra pesava-me na alma, neutralizando por completo o conforto e o aconchego físico que me rodeavam, e resolvi pensar duas vezes antes de voltar a abrigar-me sob aquele teto.” (BRONTË, 2009, p. 15).

Tal descrição carregada de adjetivos negativos que Emily Brontë utiliza para referir-se ao espaço da obra reflete-se diretamente nos sentimentos mórbidos e intensos dos personagens que nela habitam. Deste modo, unindo a descrição do cenário aos sentimentos negativos de seus moradores, pode-se perceber a construção de um ambiente, o qual, para a topoanálise, “se define como a soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico” (BORGES FILHO, 2008, p. 5)

Em oposição à rudez do Morro dos Ventos Uivantes, o leitor é apresentado à Granja dos Tordos, descrita como “uma visão extraordinária” (BRONTË, 2009, p. 45), e um ambiente refinado e requintado. Heathcliff, ao relatar sua visita à casa vizinha para Nelly Dean, detalha a riqueza e sofisticação daquele espaço:

(...) uma sala lindíssima, com tapetes vermelhos no chão, cadeiras e mesas da mesma cor e um teto branco como a neve, com um friso dourado e um lustre ao meio, de onde pendiam gotas de chuva, presas a correntes de prata, que brilhavam como estrelas. (...) Para mim, era como se estivesse no paraíso! (BRONTË, 2009, p. 45)

A narrativa do romance transita entre estes dois cenários contrastantes, e a oposição entre os espaços – Morro dos Ventos Uivantes e Granja dos Tordos – encontra um reflexo quase direto na esfera psicológica de seus respectivos habitantes. Os Linton, moradores da Granja dos Tordos, são uma família educada e de ares sofisticados, e Heathcliff se refere à Edgar e Isabella Linton como crianças idiotas, mimadas e desprezíveis, chegando a afirmar

que “Nem que me pagassem, trocaria a minha vida pela do Edgar Linton, da Granja dos Tordos” (BRONTË, 2009, p. 45).

Nelly Dean também atenta-se para a enorme oposição entre Heathcliff e Edgar Linton, perceptível ainda na infância:

Era notório o contraste entre os dois amigos, naquele momento em que se cruzaram, um entrando e o outro saindo. Era como comparar uma região montanhosa, triste e poluída, com um vale fértil e belo. Por outro lado, o tom de voz e a saudação de Edgar eram totalmente opostos ao seu aspecto. Tinha uma maneira de falar suave e delicada e pronunciava as palavras como o senhor, sr. Lockwood, isto é, com menos rudeza e mais brandura do que nós. (BRONTË, 2009, p. 64)

A interferência do espaço no comportamento dos personagens pode ser percebida, por exemplo, na mudança sofrida por Catherine logo no final da infância, após sua estadia na Granja dos Tordos. A moça retorna ao Morro dos Ventos Uivantes amadurecida, tendo deixado para trás a selvageria infantil. Em seu retorno ao lar, Nelly Dean percebe que:

(...) em vez daquela criança selvagem e livre em constante correria pela casa, sempre pronta a nos abraçar, surgiu digníssima e elegante, montada num belo potro negro, com os seus lindos caracóis castanhos pendendo soltos sob um chapéu de caça e um traje de montar tão comprido que tinha de erguê-lo com as mãos para não pisar nele.

Hindley ajudou-a a descer do cavalo, exclamando, deliciado:

- Sim, Cathy, mas que beleza! Até tive dificuldade em te reconhecer. Pareces mesmo uma senhora. (...) (BRONTË, 2009, p. 49)

A importância do espaço na narrativa de *O morro dos ventos uivantes* pode ser também verificada na presença do elemento sobrenatural, ligado intrinsecamente a residência que intitula a obra. Ao pernoitar na residência, o inquilino Lockwood sente que é visitado pelo fantasma de Catherine Earnshaw, após acordar de um intenso pesadelo:

Na escuridão, consegui ver um rosto de criança olhando pela janela. Então, o meu terror transformou-se em crueldade. Face à impossibilidade de me libertar daquela criatura, agarrei-lhe o puldo e rocei-o no vidro partido até o sangue começar a escorrer, acabando por molhar os lençóis. Porém, a estranha visão continuava a gemer: ‘Deixe-me entrar!’, agarrando-se a mim com tal tenacidade que quase me enlouquecia de pavor (BRONTË, 2009, pp. 24-25).

A cena, além de trazer ao cenário mais elementos sombrios e fantasmagóricos, evoca também a noção de que o espírito de Catherine ainda estaria de certa forma ligado à casa onde crescera, salientando novamente a centralidade do ambiente para a narrativa.

É a partir da descrição desse cenário assustador que a autora retoma uma característica marcante nos principais textos góticos, tais como *O castelo de Otranto* e *Melmoth*. Nessas obras, assim como no romance de Brontë, a época passada é representada por seres fantasmiais, que retornam ao tempo atual para perturbar e desestruturar emocionalmente os vivos, e até mesmo conduzi-los a um processo de isolamento e autodestruição, o que ocorre com Heathcliff (ALEGRETTE, 2017, p. 7).

Após a morte de Heathcliff, seu espírito une-se ao de Catherine, vivendo sua eternidade na paisagem onde passaram a infância e seu amor foi construído, o que demonstra sua profunda ligação àquelas terras. No desfecho do romance, tem-se os relatos de vizinhos, afirmando terem avistado o espírito do casal rondando a propriedade, como no testemunho de um rapaz, encontrado por Nelly aos prantos: “Está ali o Heathcliff com uma mulher; ali, naquele monte” (BRONTË, 2009, p. 291). Em morte, portanto, os espíritos de Catherine e Heathcliff passam a fazer parte da paisagem em que cresceram, atuando no espaço e sendo percebidos pelos moradores dos arredores, mesmo que as aparições sejam envoltas em superstições.

Brontë consegue, aqui, demonstrar o inevitável fechamento do arco romântico entre os protagonistas: sua morte permite que vivam, enfim, o amor que lhes foi impossibilitado em vida. Seus espíritos libertam-se apenas em morte, confirmando-se a ideia de que compartilham da mesma alma. Catherine e Heathcliff possuem, no outro, uma extensão do seu eu. E seus fantasmas, ao estarem umbilicalmente ligados ao desolado cenário do Morro, demonstram mais uma vez a centralidade deste espaço no romance.

Considerações finais

A análise de uma obra tão repleta em complexidades nunca será tarefa simples ou fácil. *O morro dos ventos uivantes* não é, afinal, uma obra simples e nem fácil: dos múltiplos focos narrativos às inovações estilísticas, Brontë desafia seus leitores, conduzindo-os, do início ao fim, por uma narrativa rica em seus exageros. Da melancolia à alegria, do amor à morbidez, tudo se cruza no romance, colocando-o na fronteira entre estilos literários que é sua marca principal. Sua força está na riqueza narrativa, que imortaliza a obra nos estudos literários dos mais diversos enfoques.

O amor romântico é, neste livro, impossivelmente desvinculado da ideia de liberdade – que, por sua vez, é indissociável da morte. Atrelando esses três elementos ao cenário na qual a narrativa se desenrola e tornando-os o ponto chave do romance, Emily Brontë cria uma

narrativa que, ao mesmo tempo em que é sombria, mórbida e melancólica, não deixa de ser uma interpretação sobre o amor. Retomando tendências que já apresentava em suas poesias, a autora produz uma prosa única e complexa, um eterno trânsito entre o gótico e o romântico. Nem somente gótica e nem somente romântica, mas sim uma peculiar combinação de ambos – e demonstrando como tais estilos, que em um primeiro momento podem parecer tão diferenciados, possuem suas aproximações.

Nas paisagens rurais e isoladas da Inglaterra dos oitocentos, Brontë escreve uma obra que reflete tais arredores, e os cenários de sua infância servem, agora, como o lugar onde ela constrói o Morro dos Ventos Uivantes. E é neste espaço, tão melancólico e desordenado quanto os personagens que nele habitam, que a autora vai derramar sua prosa pela primeira e única vez. Nestes altos onde os ventos se enfurecem, nas paisagens onde os espíritos de Catherine e Heathcliff vão, eternamente, viver sua liberdade, Emily Brontë conquista seu espaço em meio a outras imortais escritoras femininas.

Referências bibliográficas

ALEGRETTE, Alessandro Yuri. Aspectos inovadores na escrita gótica em o morro dos ventos uivantes. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 01-19, dez. 2017.

BATAILLE, Georges. 1957. **A literatura e o mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BORGES FILHO, Ozíris. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. p. 1-7.

BRADNER, Leicester. The Growth of *Wuthering Heights*. **PMLA**, [S.L.], v. 48, n. 1, p. 129-146, mar. 1933.

BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. São Paulo: Lua de papel, 2009. 292 p. Trad. Ana Maria Chaves.

BROWN, Helen. The Influence of Byron on Emily Bronte. **The Modern Language Review**, [S.L.], v. 34, n. 3, p. 374-381, jul. 1939.

BUCHEN, Irving H.. Emily Brontë and the Metaphysics of Childhood and Love. **Nineteenth-Century Fiction**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 63-70, jun. 1967.

DIAS, Daise Lílian Fonseca. **A subversão das relações coloniais em "O morro dos ventos uivantes"**: relações de gênero. 2011. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

RENA-DOZIER, Emily. Gothic Criticisms: *Wuthering Heights* and nineteenth-century literary history. **ELH**, Baltimore, v. 77, n. 3, p. 757-775, set. 2010

RIGUINI, Renata Damiano. A culpa da literatura: Bataille e Freud em “O morro dos ventos uivantes”. In: ROSÁRIO, Ângela Buciano do; MOREIRA, Jaqueline de Oliveira (org). **Culpa e laço social: possibilidades e limites**. Barbacena: EdUEMG, 2013. p. 67-80.

PRADO, Natália Cortez do. **Construção da sensibilidade burguesa por meio do espaço em “The mysteries of Udolpho” de Ann Radcliffe**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

SONSTROEM, David. Wuthering Heights and the Limits of Vision. **Pmla**, [S.L.], v. 86, n. 1, p. 51-62, jan. 1971.

RECEBIDO EM: 19/08/2020 | APROVADO EM: 23/09/2020